

BELEZAS E MEMÓRIAS DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR: REDESCOBRINDO A PERIFERIA COM O ACERVO DA LAJE

Roberta Vasconcelos Leite¹

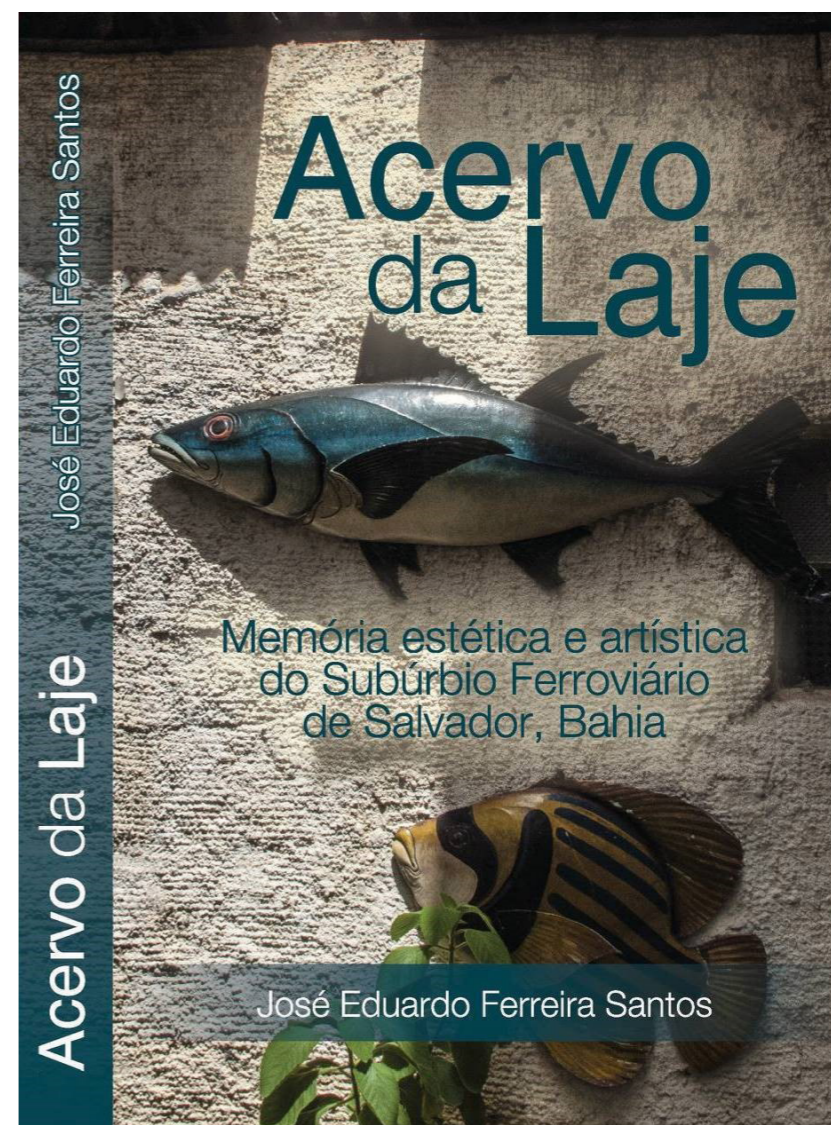
SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Acervo da Laje**: memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. São Paulo: Scortecci, 2014. 354p. ISBN: 978-85-366-3690-0.

A experiência que nos proporciona a leitura do livro “Acervo da laje: memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia”, de José Eduardo Ferreira Santos, é de estarmos diante de um belo mosaico. Reconnectando fragmentos da história e da produção artística da periferia, vemos o autor empenhar-se para redesenhar a imagem que a cidade tem de si mesma, tornando-a mais complexa. Trata-se de um trabalho que evidencia como o subúrbio que circunda a capital soteropolitana não precisa ficar à sombra, como margem onde se depositam apenas os dejetos da urbanização. No subúrbio pulsa a arte e a criatividade que impregnam os mundos-da-vida urbanos, alimentando o fervor cultural da cidade e nutrindo com gente viva a metrópole que precisa dessa pujança para sobreviver.

O livro faz com palavras o que o Acervo da Laje compõe em imagens e experiência sensorial: reconta a memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS) compondo um mosaico com cacos estilhaçados pela invisibilidade. Por isso, como prelúdio à apreciação do livro propriamente dito, apresentaremos o Acervo por meio das reminiscências de nossa visita ao local. Em agosto de 2013, adentrando o bairro Plataforma, nossos olhos interrogavam a paisagem em que por décadas a comunidade de Novos Alagados construiu suas palafitas sobre o mangue. Percorrendo a área atualmente urbanizada, encontramos na rua Nova Esperança o portão estreito da casa que em seu terceiro pavimento abriga um tesouro insuspeito. José Eduardo

1. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É Editora Assistente da revista Memorandum: memória e história em psicologia. vasconcelosroberta@yahoo.com.br.

✉ Rua Dom João VI, 208, casa 2. Bairro Jardim Imperial. Diamantina-MG. CEP: 39100-000..



– responsável e curador do Acervo – nos aguardava transbordando a inquietude que lhe é característica. Pedagogo de formação, sua trajetória como educador e coordenador em projetos sociais da região e como pesquisador no mestrado em psicologia, doutorado em saúde pública e pós-doutorado em psicologia (Universidade Federal da Bahia) e pós-doutorado em

estudos culturais (Universidade Federal do Rio de Janeiro) culmina nesse fruto maduro que hoje ocupa o espaço em que anteriormente ele próprio residia.

Já na escada que conduz à laje, inúmeras obras enchem as paredes e capturam o olhar. Adentrando as três salas do Acervo, é possível atestar como, do que poderia ser um caos de milhares de objetos sobrepostos, emergem uma ordem e uma beleza impressionantes. Ali estão reunidas obras de arte produzidas ou referentes ao SFS as quais foram adquiridas, doadas e mesmo encontradas no lixo, além de artefatos históricos como placas de ruas e até mesmo elementos naturais como conchas do mar. Tudo o que José Eduardo reúne está ali ao alcance da mão, tudo o que conta da história e da produção artística do lugar, permitindo que a beleza gestada no subúrbio resplandeça com a materialidade que ela exige.²

Como desdobramento do trabalho desenvolvido no Acervo da Laje, a publicação do livro homônimo se constitui como mais um passo do trabalho coletivo que vem “construindo ou reconstruindo um patrimônio civilizatório do território suburbano que foi abandonado” e concordamos com o autor no reconhecimento de que “isto tem uma importância significativa para a história da Bahia” (p. 152). Como o Acervo, o texto não se furta a ser tecido em primeira pessoa. É com toda sua singularidade e sensibilidade que o pesquisador José Eduardo dá sua contribuição à história do SFS, seja como sujeito pessoalmente interessado na coleta das memórias para grafá-las na luta contra o célere decaimento da transmissão oral, seja como membro de um povo que busca em nome dos seus evidenciar o “elo que nos une à humanidade e à arte” (p. 13).

² Destacamos que atualmente o Acervo da Laje conta com duas sedes: a primeira, a que nos referimos nessa narrativa, situa-se na Rua Nova Esperança, 34 E, bairro São João do Cabrito. O segundo espaço, inaugurado em 2015, localiza-se na Rua Sá Oliveira 2 A, também no bairro São João do Cabrito.

Mesmo contando com um prefácio em que seus objetivos e suas três partes são rapidamente apresentados, ao longo da leitura a primeira impressão é de que o livro carece de uma introdução mais apurada. Poderíamos mesmo afirmar que o impacto inicial é de um bombardeio – especialmente para aqueles que não conhecem previamente a produção e a trajetória do autor – pois são muitas as informações sobre as diversas facetas que o trabalho do Acervo acomoda. Entretanto, à medida que avançamos as páginas, vai ficando claro que também o livro é como um mosaico: a princípio nos golpeia com o múltiplo e pouco a pouco vai abrindo espaço para o olhar que sorve os detalhes.

Assim, na primeira parte “Memória estética do Subúrbio Ferroviário de Salvador”, encontramos uma coletânea de textos escritos em diferentes momentos de suas pesquisas, nos quais o autor se esforça por registrar o histórico da região, revelando como as áreas relacionadas à pobreza e à marginalidade paulatinamente se tornam invisíveis para a sociedade. Há ainda a denúncia da retirada dos espaços artísticos dos subúrbios quando a pobreza chega a eles, verdadeira contradição diante da evidência de que quando a arte impregna a periferia, torna-se proposta potente de aproximar o local ao universal como contribuição ao enraizamento e ao desenvolvimento humano. Pois “beleza, arte, cultura e estética são democráticas. Estão onde o humano está” (p. 198). E, tendo a possibilidade de acesso e fruição, todos podem se beneficiar com a abertura de horizontes e o florescimento da reflexão crítica: “as pessoas se dão conta de que a arte é uma necessidade humana e começam a se indagar porque foram privadas dela durante suas vidas” (p. 182).

Todo o texto é recheado de assertivas como estas, verdadeiras pérolas que pedem tempo de contemplação, reflexão, degustação: não saímos incólumes do mergulho nessas páginas. Por isso entendemos que, para além da denúncia, nesta primeira parte José Eduardo

empenha-se primordialmente em impactar o leitor com a beleza do subúrbio “difícil de acreditar que existe, mas pela qual nosso coração espera” (p. 78). Uma beleza que ecoa em nós como as raízes de um Brasil profundo que nos sustenta e orienta em meio às intempéries da urbanização desorganizada que quebra laços e engendra invisibilidade de grandes parcelas da população. Uma beleza que se materializa na periferia em obras de artes plásticas, teatro, cinema e nas trajetórias e poéticas de artistas invisíveis como Almiro Borges, Dona Coleta de Omolú, Otavio Bahia, Perinho Santana, Ray Bahia, Zaca Oliveira, Zilda Paim, para citar apenas alguns. Uma beleza que se materializa também no rosto das mulheres que com seu trabalho sustentam o mundo; na conquiliologia; nas ruínas dos terreiros; no passado heroico do Parque São Bartolomeu e de tantos mestres e líderes populares; na força de tradições esquecidas ou que ainda resistem; nos esforços das experiências educativas que se propõem a transmitir essa riqueza.

Toda essa beleza está retratada em textos num verdadeiro ziguezague de temas: como num processo de memória coletiva, não identificamos preocupação com um percurso linear. Num olhar próximo, colhemos uma diversidade nem sempre claramente ordenada de conteúdos, mas, “dando um passo atrás” e contemplando o conjunto, temos uma sinfonia de textos que compõem um mosaico tão rico, diverso e paradoxalmente harmonioso quanto o é o próprio Acervo da Laje. É como um convite a outra racionalidade, ao impacto constante, ao vai e vem tão típico da memória que vai refrisando elaborações e permitindo a sedimentação do conhecimento. À medida que a leitura avança, vai ficando clara a intencionalidade do autor ao optar por essa forma de ordenação: intuímos que ele intenta primeiro impactar com as múltiplas facetas do SFS, para somente depois explicá-lo, debruçando-se sobre ele de modo mais propriamente acadêmico.

E isto é feito especialmente no texto “Artistas invisíveis da periferia de Salvador”, ainda na primeira parte, bem como em toda a segunda parte: “Mundos artísticos do SFS: enraizamento, produção, tipos de artistas e redes de cooperação”, texto inédito em que são detalhados os passos da pesquisa sobre os artistas invisíveis do subúrbio, desenvolvida por José Eduardo após a conclusão de seu doutorado, a qual culminou na constituição do Acervo da Laje e na pesquisa de pós-doutorado em estudos culturais. Aqui encontramos a descrição do processo de acesso aos sujeitos e da fundamental colaboração com o fotógrafo Marco Illuminati, bem como a apresentação dos eixos de análise e resultados propriamente ditos da investigação sobre os mundos artísticos.

Portanto, é especialmente na segunda parte que encontramos o estofamento teórico que embasa a investigação e difusão da beleza produzida e encontrada no SFS. Em especial, salientamos o reconhecimento do enraizamento como categoria que interliga produção artística e territorialidade, permitindo aos artistas e à população local identificação com o SFS e diálogos com a cidade, o que significa reconhecer como a multiplicidade de raízes vivas permite o intercâmbio entre o local e o universal por meio da arte. Além disso, ao longo desse texto, José Eduardo dá voz aos artistas, apresentando e comentando trechos de entrevistas em que eles narram suas trajetórias e concepções sobre arte, cultura e educação. E, enquanto analisa as trajetórias, vai evidenciando a importância da cultura e da arte na inclusão social, aproveitando para narrar iniciativas que desde a década de 1970 articulam educação e arte no SFS. A esse respeito, destacamos a preciosidade das reflexões de dois entrevistados: Cesare La Rocca (Projeto Axé) e José Edemilson (Sofia – Centro de Estudos). O autor apresenta ainda as influências artísticas dos entrevistados, buscando configurar com a máxima complexidade possível os mundos artísticos

do SFS. Claramente, reconhece que se trata de um mapeamento inconclusivo – até mesmo pelo caráter extremamente dinâmico de seu objeto – entretanto, ressalta a contribuição real da pesquisa, que fomentou a continuidade por meio da constituição do Acervo. Uma contribuição palpável, que arrebenta as fronteiras de uma ciência estreita para se consolidar como presença física em um território, pois, como ele bem sinaliza:

É necessária e pertinente a divulgação de iniciativas culturais e artísticas existentes nas periferias como forma de favorecer o empoderamento dessas comunidades e, além disso, permitir a fruição estética e histórica em espaços que possam apresentar, difundir e propor a difusão dessa produção, não somente como uma ação paliativa, mas persistente e sistemática, pois a produção de significados e de cultura pode trazer novas orientações para as vidas dessas populações, em especial das crianças e jovens que muitas vezes só podem viver “um lado” da história nas periferias e não a complexidade de sua produção (p. 317).

Já a terceira parte do livro, “A beleza do subúrbio”, reúne textos que têm o tom de diário de campo de um projeto desenvolvido conjuntamente com a pesquisadora Marcella Hausen. Como mais um desdobramento do trabalho do Acervo³, esse projeto constitui-se como oficinas com adolescentes da região com vistas a oferecer a beleza em ato, promovendo oportunidades para que os adolescentes mergulhem em obras de arte, na beleza natural que os cerca, na pujança cultural e

³ Para conhecer projetos e iniciativas desenvolvidos no Acervo da Laje atualmente, bem como ter acesso a fotografias do local e de suas obras, recomendamos ao leitor a consulta à página do Acervo no Facebook: www.facebook.com/acervodalaje. Além da divulgação das atividades ali desenvolvidas, há links para reportagens realizadas pela mídia local e nacional e depoimentos de visitantes e colaboradores acerca da experiência que o Acervo lhes proporciona.

histórica do lugar em que habitam e passa despercebida e também em sua própria capacidade de criação do belo.

Em textos curtos vão se descortinando o fundamento e a metodologia desse projeto, novamente de modo não linear. Enquanto José Eduardo narra algumas das atividades das oficinas e reflexões pessoais sobre aquilo que seu olhar capta nesse período, somos novamente transportados às ruas do SFS, podendo descobrir mais de seus traços culturais, da vitalidade de seu cotidiano polimórfico e também da aspereza da violência que espreita os jovens do lugar. Entendemos que a culminância dessa iniciativa está no esforço consciente de que adolescentes se descubram na criação, descubram-se abertos à grandiosidade que pode ser gerada por mãos humanas e, portanto, também por suas próprias mãos, oxalá transformando assim a si e ao seu território.

Ao final da leitura, concluímos que a estrutura do livro como um todo tem uma organicidade peculiar: parte de uma caracterização do contexto, passa pelo mapeamento sistemático dos mundos artísticos e culmina na descrição de uma atividade de intervenção. Assim, como viajantes que não podem seguir uma linha reta ao adentrar a maré, somos primeiro convidados a um mergulho nas raízes do SFS, para em seguida contemplar facetas que compõem a dinâmica de sua configuração artística atual e por fim chegar a divisar a possibilidade de um futuro que a um só tempo se quer continuidade daquelas raízes pujantes, consolidação dos esforços de produção do belo já existentes e transformação social da trajetória das novas gerações, tão constantemente ameaçadas pelas intempéries do mar de vulnerabilidades que as cerca.

Voltando à nossa afirmação inicial, reforçamos como este livro, dentre outras virtudes, oferece uma experiência do Acervo da Laje

a quem ainda não teve o privilégio de visitá-lo. Infelizmente a única imagem do Acervo encontra-se em sua contracapa, mas, mesmo assim, percorrer suas páginas assemelha-se a adentrar aqueles cômodos em que fica evidente como, enquanto ao subúrbio tantas vezes é dado um espelho quebrado em que as pessoas só vêem cacos de si mesmos, José Eduardo quer apresentar um espelho íntegro. Um espelho em que a comunidade do SFS, a cidade de Salvador e todos que se dispuserem a ouvi-lo possam ver a periferia como ela é, em sua complexidade multifacetada, sem negar os problemas e sem defini-la apenas pelo que diminui a humanidade de sua população.

Trata-se de um esforço de reconstrução do lugar com os seus próprios elementos: é com os cacos estilhaçados que o autor compõe seu mosaico, evidenciando a beleza do SFS que por tanto tempo a cidade, a mídia e a produção científica não tiveram olhos para ver. Cuidando da memória e valorizando o “que é que o subúrbio tem”, José Eduardo nos re-apresenta uma complexidade para muitos insuspeita por meio de fragmentos recolhidos em décadas de pesquisa, tendo o objetivo claro de ser instaurar uma proposta qualitativamente diversa dentro dos horizontes estreitos em que a periferia normalmente é confinada.

Por tudo o que foi dito, reconhecemos neste livro uma contribuição extremamente pertinente tanto para o conhecimento da história e da cultura da cidade de Salvador e do Estado da Bahia, quanto para a reflexão sobre a produção artística na periferia e sobre a força transformadora das iniciativas que articulam arte e educação. Dada a diversidade de perspectivas abordadas, recomendamos a obra para profissionais, pesquisadores e estudantes de todas as ciências humanas, salientando ainda que a fluidez do texto favorece a leitura de quaisquer interessados, acadêmicos ou não.

Vale destacar ainda que o tópico que encerra o livro parece deslocado, de modo que entendemos que a obra carece de uma conclusão. Também por isso se consolida a sensação de estarmos caminhando no próprio Acervo da Laje enquanto apreciamos este livro: não há começo nem fim definidos nessa experiência, o olhar mergulha na multiplicidade e às vezes se perde em meio a tantos fatores desse mosaico, sem que exista um porto certo onde devamos atracar. A cada um fica então a tarefa de reunir espantos e aprendizados nessa travessia, mantendo acessas as inquietações que se lhe despertaram e o desejo de que a produção de conhecimento sobre um território possa ser sempre tão enraizada e transformadora quanto o é o trabalho do Acervo da Laje. 